

Editorial

Caros leitores,

Um ano para a vida de Plureal/Laboreal: é pouco para a história de uma revista.

Mas são três números, com este do mês de Dezembro: e já é significativa a experiência construída.

Conseguimos avançar com um primeiro balanço no que diz respeito ao sucesso deste projecto: tivemos já perto de 10.000 visitas de leitores, provenientes de vários países europeus e da América Latina.

Aliás, passámos a receber propostas espontâneas de artigos, dos dois lados do Oceano: é sinal de que conseguimos abrir o círculo dos que se empenharam, desde o início, neste projecto.

Mas também deu para tomar outra consciência do bilinguismo anunciado de Laboreal: como tem sido nítido em números anteriores, e irá confirmar-se também neste: o português do Brasil não é o de Portugal, e o espanhol tem ainda mais variantes.

O cruzamento das peritagens realizadas e do trabalho efectuado pelos autores dos artigos revelou a diversidade dos repertórios linguísticos e dos glossários científicos. Nem sempre se encontraram soluções que tenham sido consideradas perfeitas pelos protagonistas. Mas assumimos com um certo orgulho a riqueza deste encontro, intrínseco ao projecto da revista - embora o ultrapasse, obviamente.

Vêm então bem a propósito as palavras de Luís Sepúlveda: *“Não há maior festa que uma reunião de hispânicos oriundos de todos os confins da nossa língua. Ouvi-os nomear as mesmas coisas com o tesouro infinito dos nossos substantivos, constatar que utilizam adjetivos e tempos verbais correspondendo plenamente às suas realidades telúricas e que não hesitam em recorrer a expressões ameríndias, cria uma sensação feliz de pertença a uma cultura que não se encontra nos museus, mas sim uma cultura de hoje, que se faz aqui e agora, a toda a hora, num esforço espantoso de encontro, pois o espanhol – e os que conhecem outras línguas sabem-no – não se defende pela exclusão e é uma língua apta para compreender e nomear o universo (...) O castelhano é uma lembrança doce que conservamos com amor, mas a língua que faz de nós o que*

somos, que nos explica, nos confere um carácter universal, chama-se, e isto para sempre, o espanhol”. (Sepúlveda, 2006, p.16-17, tradução livre).

E os lusitanos, aquém e além-mar, ficarão invejosos dessa pluralidade hispânica assim afirmada.

As sintaxes, as palavras, as fórmulas dos artigos deste número irão então variar. Contudo, por terem lido o conjunto dos textos, os membros do Comité Executivo têm a convicção de que todos os leitores, sejam lusófonos ou sejam hispânicos, irão ter um pleno proveito das pesquisas e reflexões apresentadas. Mesmo assim, mantivemos o bilinguismo de certas rubricas: porque alguns séculos de história linguística acabaram por reforçar a distinção entre as duas línguas estruturantes do projecto de Laboreal.

Este número tem, face aos precedentes, uma particularidade: são quatro, os artigos que integram a rubrica “Estudo de Caso”. É, provavelmente, revelador da proximidade da revista com os que investem na pesquisa de terreno. Todavia, como o leitor irá notar, cada uma dessas pesquisas, além do seu carácter pontual, abre as portas a abordagens que merecem continuidade.

- Sandrine Caroly, Marc Lorient e Valérie Boussard apresentam uma investigação sobre a construção da profissão de agentes da polícia, actualmente em mudança profunda. E um dos principais méritos deste contributo é o de ter ultrapassado a fachada dos estereótipos que dizem respeito aos modos e às condições da aquisição de experiência nesta actividade. Embora a pesquisa tenha sido realizada em França, a proximidade das situações descritas com as que conhecemos noutros países irá, de certeza, inspirar muitos dos investigadores que fazem parte dos nossos leitores.

- Céline Chatigny e André Balleux, no seguimento de uma já longa tradição canadiana de estudos sobre a formação no sector agro-alimentar, propõem uma reflexão original que privilegia o plano da contingência na avaliação da implementação de um modelo de formação que, no seio de uma empresa, visa melhorar o desenvolvimento integrado de competências e de saberes-

fazer de prudência. Quais são as condições necessárias para permitir o bom desenrolar de um projecto com essas características? Esta é a questão central dos autores que concluem, nomeadamente, que os formadores se encontram no seio de tensões, positivas e negativas, entre os vários actores que se referem a diferentes lógicas.

- Liliana Cunha e Marianne Lacomblez, pelo recurso a dois estudos efectuados no sector dos transportes rodoviários de passageiros em Portugal, pretendem demonstrar quanto a actividade dos motoristas é, na verdade, um espaço privilegiado de renormalização e de mudança, mesmo que a um nível considerado micro. Consideram, por isso, que é tempo de repensar o conceito de mudança como um processo que não é externo à actividade e aos trabalhadores, apesar de, habitualmente, e concretamente neste sector em plena mutação, as transformações no trabalho serem atribuídas a especialistas.

- Cecília De la Garza e Annie Weill-Fassina incentivam-nos a incrementar as ilações – teórico-metodológicas, mas também no plano das recomendações – que resultam de três pesquisas conduzidas na companhia ferroviária francesa, em que foi privilegiada a análise das dinâmicas do trabalho colectivo na gestão dos riscos. Consideram os processos de regulação que atravessam as interacções ascendentes e descendentes entre diferentes trabalhadores e centros de decisão, mas também o que caracteriza a gestão horizontal, nas interacções situadas num mesmo nível hierárquico – acabando por distinguir quatro formas de interacção social, relevantes pelo seu impacto diferencial na segurança e na fiabilidade do sistema e das situações de trabalho.

- A rubrica “Apresentação de Obras” prossegue o projecto já iniciado nos dois números anteriores: o de dar relevo a contributos teóricos considerados hoje incontornáveis para as disciplinas científicas convocadas por Laboreal. Desta vez, Catarina Silva situa a obra de Jacques Leplat e da “Psicologia ergonómica” a que este se dedicou, ao longo de várias décadas. Trata-se assim de um trabalho de memória – e de reconhecimento – de uma longa tarefa que consistiu na definição progressiva de uma tradição científica, tendo em conta a sua ancoragem empírica e os seus fundamentos teóricos.

- Um só “Resumo de tese” conclui esta rubrica para 2006. Sabemos todos que não foi a única tese de doutoramento defendida nos últimos meses. Aliás, outros resumos já estão a ser planeados para o próximo número, previsto para Junho de 2007.

Na sua tese, Isabel Torres pretendeu perceber melhor as implicações das mudanças implementadas no sector bancário em Portugal, ao nível da actividade de trabalho e sobre aqueles que a desenvolvem. Ela optou, aqui, por privilegiar a exposição dos dados que a levaram ao questionamento do modelo comportamental e do conceito de trabalhador, subjacentes aos instrumentos que têm vindo a ser frequentemente utilizados na avaliação do stress em meio laboral.

- Laerte Idal Sznelwar redigiu uma extensa recensão a propósito da versão brasileira do livro recentemente editado por Pierre Falzon, “Ergonomia”: mas a dimensão deste texto justifica-se pelo facto de termos, nesta obra, quarenta e quatro contributos cuja especificidade merecia, em cada caso, um realce particular. Trata-se, por isso, de um suporte que não deixará de ser útil para quem pretende ter uma noção mais precisa dos conteúdos desta publicação ambiciosa.

- O ‘dicionário’ de Laboreal é conduzido, a partir deste número, para uma nova fase do seu desenvolvimento: decidiu-se acelerar a sua elaboração, passando a apresentar, em cada número, uma reflexão sintética a propósito de **dois** vocábulos frequentemente utilizados pelos seus leitores.

Marcelle Stroobants aceitou falar-nos de “Competência” e Laurent Vogel de “Direito e trabalho”. Os seus textos irão proporcionar momentos de balanço que não serão nunca isentos de uma boa dose de “desconforto intelectual”: é precisamente este o objectivo desta rubrica, assim como o de fazer desencadear os debates contraditórios que sempre enriquecem a nossa reflexão.

- Enfim, a rubrica “Importa-se de repetir...?” celebra, desta vez, uma outra forma de assumir o protocolo definido entre a revista PISTES e LABOREAL: o artigo, publicado por Carla Barros Duarte e Marianne Lacomblez no último número da revista canadiana, passa agora a ter uma versão portuguesa.

A todos desejamos uma boa leitura.

Pelo Comité Executivo da Laboreal,

Marianne Lacomblez